

Marginália

SUSTENTAR que a responsabilidade das grandes hecatombes sociais a que vulgarmente chamamos «revoluções» cabe aos doutrinários de determinada doutrina económica ou social, aos críticos, sérios ou jocosos, das sociedades revolucionariamente extintas, aos filósofos e aos artistas que formularam novas ideias e suscitaram mais belas aspirações, sustentar semelhante tese afigura-se-me tão injusto como condenar um inocente, sem ter sequer procurado o culpado.

Filósofos, doutrinários, críticos e artistas são aqueles que se votam a uma obra de esclarecimento e de construção, de pura especulação ideológica e que, a serem latendidos, evitariam mais que ninguém, as grandes catástrofes sociais e a luta brutal entre possuidores e desapossados. Com raríssimas excepções são apóstolos da paz e do amor e a natureza dos seus espíritos recusam-se ao fanatismo e à intolerância, ao optimismo friamente cruel que caracteriza o energúmeno. Verdadeiramente o seu reino nunca é absolutamente deste mundo e a cidade ideal que constroem, uns após outros, com uma seqüência e uma obstinação assombrosas, só muito vagamente é entrevista pelo combatente da barricada. Não há contacto nem efectiva influência entre o pensador que formula uma doutrina, elabora uma análise, o artista que especiosamente criou uma metáfora genial e o insurrecto.

A revolução sangrenta faz-se sempre, pode dizer-se, apesar daqueles, embora, justifiquem e absolvam o insurrecto desde que elle seja uma vítima e tenha sido até aí, um oprimido.

Porque as verdadeiras causas das revoluções (refiro-me às tumultuosas e sangrentas) se não consistem nas doutrinas do pensador e nas análises

do artista ambas dirigidas e só acessíveis a uma **élite**—, residem essencial e radicalmente nos males materiais de que sofre um povo, nas misérias que o consomem, nas violências que o oprimem.

Num país onde a miséria não exista, onde a injustiça não reine, onde o privilégio não seja norma, poderão existir as mais subversivas ideias nas páginas dos seus filósofos, as mais subtis e impiedosas análises nas obras dos seus artistas que a revolução não será nunca nem convulsiva nem sangrenta.

Há governos que existem para evitar as revoluções e governos que tornam as revoluções inevitáveis. Um governo que tanto quanto possível liberta os seus governados das mais pesadas injustiças e tiranias, entre as quais, primeiramente, avulta a económica, é um governo que torna inviáveis todas as sanguetras;—um governo injusto e opressor, que mantém e suscita o privilégio e erige a tirania em sistema, esse governo caminha para a revolução com a inflexibilidade de um raciocínio matemático.

Montesquieu, Voltaire, Rousseau, Helvetius nunca preconizaram a acção violenta e não foram elles que suggestionaram os massacres de Setembro nem as «noyades» de Nantes. Onde a violência dos assassinos encontrou o seu alento não foi em *L'esprit des lois* mas sim na injustiça social que, de pais a filhos, se lhes tinha transmitido como único património. Para a explicação destas explosões de ferocidade ilucida mais uma simples factura de **Gruel, Marchand du Roy**, em que os fornecimentos de rendas a Madame du Barry somam 67.999 libras, que a página mais sarcástica de Voltaire ou a mais penetrante de Montesquieu.

POR CASTELO BRANCO CHAVES